

Ruth Ware

# A MULHER NA CABINE 10

Tradução de Alyda Suer

Rocco

Adoro portos. Adoro o cheiro de alcatrão e do mar, o grito das gaiivotas. Talvez porque durante anos seguidos tenha usado a barca para a França nas férias de verão, mas um porto me dá a sensação de liberdade, como nenhum aeroporto consegue. Aeroportos falam de trabalho, de controles de segurança e de atrasos. Portos falam... eu não sei. Alguma coisa completamente diferente. Talvez de escapar, fugir.

Passsei a viagem de trem evitando pensar em Judah e procurando me distrair com a pesquisa sobre a viagem que tinha pela frente. Richard Bullmer era poucos anos mais velho do que eu, mas seu currículo bastava para fazer com que me sentisse desesperadamente incapaz — uma lista de negócios e diretorias que faziam meus olhos se encherem de lágrimas, cada etapa um degrau para um nível ainda mais alto de dinheiro e influência.

Quando abri a Wikipédia no meu celular, apareceu um homem bronzeado e bonito, de cabelo muito preto, de braços dados com uma loura extremamente bela de vinte e poucos anos. “Richard Bullmer com sua esposa, a herdeira Anne Lyngstad, em seu casamento em Stavanger”, dizia a legenda.

Dado o título, supus que sua fortuna lhe tivesse sido dada de bandeja, mas, ao menos segundo a Wikipédia, parecia que eu tinha sido injusta. A primeira parte do quadro era bem confortável — pré-vestibular, Eton e Balliol College. Mas no primeiro ano da universidade o pai dele morreu — a mãe parecia que já estava fora de cena, isso não ficava muito claro — e os bens da família foram engolidos em impostos e dívidas, deixando Bullmer, aos dezenove anos de idade, sem teto e sozinho.

Nessas circunstâncias, o fato de ter se formado em Oxford já seria um feito e tanto, mas ele também criou uma dotcom startup no terceiro ano. A sua cotação na Bolsa de Valores em 2003 foi o primeiro de uma série de sucessos, culminando com aquele navio-butique de cruzeiros com dez cabines, concebido como uma opção superluxuosa para se conhecer a costa escandinava. “Adequado para o casamento dos seus sonhos, um evento corporativo deslumbrante para seduzir seus clientes com o fator “uau!”, ou simplesmente para férias exclusivas que você e sua família jamais esquecerão”, li no folheto da imprensa enquanto o trem seguia para o norte, antes de se tornar uma planta do deque das cabines.

Havia quatro suítes grandes no nariz do navio — na proa, suponho que é assim que chamam, e uma seção separada com seis cabines menores que formavam o desenho de uma ferradura na popa. Cada cabine tinha um número, par e ímpar dos dois lados do corredor central, a cabine 1 bem na pontinha da proa e as cabines 9 e 10 uma ao lado da outra, na popa curva do navio. Imaginei que fosse ficar numa das cabines menores. As suítes deviam estar reservadas para os VIPs. Não havia medidas na planta baixa, e franzi a testa ao lembrar de algumas barcas que faziam a travessia do canal nas quais viajei, nos quartinhos claustrofóbicos e sem janelas. A ideia de passar cinco dias num daqueles não era nada agradável, mas certamente em um navio como esse devíamos estar falando de algo consideravelmente mais espaçoso, não é?

Virei a página de novo, esperando ver uma foto de uma das cabines para me tranquilizar, mas em vez disso fiquei cara a cara com uma foto de uma estonteante exibição de quitutes escandinavos espalhados numa toalha branca. O chef do *Aurora* tinha aprendido seu ofício nos restaurantes Noma e El Bulli. Bocejei e apertei os olhos com as mãos, sentindo a areia do cansaço e o peso de tudo da noite passada me pressionando outra vez.

O rosto de Judah quando o deixei, com os pontos por causa da pancada da noite anterior, apareceu na minha mente e eu me encolhi. Não tinha nem certeza do que havia acontecido. Judah e eu tínhamos terminado? Eu o tinha abandonado? Toda vez que eu tentava reconstruir a conversa, meu cérebro exausto assumia o controle, acrescentando coisas que eu não tinha dito, as reações que desejava ter tido, tornando Judah mais sem noção e mais agressivo para justificar a minha posição, ou mais apaixonado incondicionalmente para tentar me

convencer de que tudo ia acabar bem. Eu não tinha pedido que ele desistisse do emprego. Então por que ele de repente esperava que eu agradecesse isso?



Cochilei mais ou menos uns trinta minutos sofridos, no carro da estação para o porto, e quando o motorista anunciou alegremente e interrompeu meu sono foi como se jogasse água gelada na minha cara. Desci do carro trôpega e me deparei com o sol escaldante e a ardência do sal da maresia na brisa, sonolenta e zozna.

O motorista tinha me deixado quase no fim da prancha do *Aurora*, mas, quando olhei para a ponte de aço que levava ao navio, nem acreditei que estávamos no lugar certo. O que eu via era familiar por causa do folheto — enormes janelas de vidro que refletiam o sol, sem uma única impressão digital ou marca de água salgada, e uma pintura branca brilhante tão nova que podia ter sido feita aquela manhã. Mas o que eu não tinha era uma noção de escala. O *Aurora* era muito *pequeno*... parecia mais um iate grande do que um navio de cruzeiros. Agora eu via o que queriam dizer com “butique”. Já tinha visto navios maiores passeando pelas ilhas gregas. Parecia impossível que tudo que era mencionado no folheto — biblioteca, solário, spa, sauna, salão de coquetéis e todas as outras coisas que deviam ser indispensáveis para os passageiros mimados do *Aurora* — pudesse caber naquela miniatura de embarcação. O tamanho, aliado à perfeição da pintura, gerava uma curiosa semelhança com um brinquedo e, quando pisei na estreita prancha de aço, tive uma súbita imagem desorientada do *Aurora* como um navio aprisionado em uma garrafa: minúsculo, perfeito, isolado e irreal, e eu encolhendo para combinar com ele a cada passo que dava em sua direção. Foi uma sensação estranha, como se eu estivesse espiando pelo lado errado de um telescópio, que me provocou uma tontura, quase uma vertigem.

A ponte balançou sob meus pés, a água oleosa do porto rodopiando e borbulhando embaixo, e tive uma ilusão momentânea de que estava caindo, que o aço embaixo de mim cedia. Fechei os olhos e agarrei a fria balaustrada de metal.

Então ouvi uma voz de mulher lá de cima:

— É um cheiro maravilhoso, não é?

Pisquei tentando enxergar. Uma atendente de bordo estava parada na entrada do navio. Era clara, cabelo louro quase branco, pele bronzeada e me sorria

feliz, como se eu fosse sua parente rica perdida há muito tempo, da Austrália. Respirei fundo, procurei me equilibrar e então subi o resto da prancha e entrei no *Aurora Borealis*.

— Bem-vinda, srta. Blacklock — disse a atendente quando entrei.

Não consegui identificar seu sotaque, e suas palavras me deram a impressão de que me encontrar era uma experiência de vida equiparada a ganhar na loteria.

— É um enorme prazer recebê-la a bordo. Um dos nossos carregadores pode levar sua mala?

Olhei em volta, tentando entender como a atendente sabia quem eu era. Minha mala desapareceu antes que eu pudesse reclamar.

— Posso oferecer uma taça de champanhe?

— Hum — eu disse, me dissociando de respostas inteligentes.

A atendente entendeu que aquilo era um sim, e me vi aceitando a flute ondulada que botou na minha mão.

— Ah, obrigada.

O interior do *Aurora* era espantoso. O navio podia ser pequeno, mas tinham empilhado nele itens de ostentação condizentes com uma embarcação dez vezes maior. As portas da ponte se abriam para a base de uma escadaria longa e curva na qual toda superfície que podia ser polida, coberta de mármore ou envolta em seda pura estava exatamente assim. Todo aquele andar era iluminado por um candelabro de encher os olhos d'água, que preenchia o lugar com minúsculos espirros de luz que me faziam lembrar do sol cintilando no mar num dia de verão. Era meio nauseante — não no sentido de consciência social; apesar de que, se pensasse bastante, seria isso também, mas era mais pela desorientação que provocava. Os cristais agiam como prismas em cada gota de luz, tinham o efeito de estontear, fazer com que perdêssemos o equilíbrio com a sensação de espiar um caleidoscópio de criança. Esse efeito, combinado com a falta de sono, não foi exatamente agradável.

A atendente deve ter notado que eu estava boquiaberta, porque deu um sorriso de orgulho.

— A Grande Escadaria é qualquer coisa, não é? — disse ela. — Esse candelabro tem mais de dois mil cristais Swarovski.

— Nossa — comentei baixinho.

Minha cabeça latejava e eu tentava lembrar se tinha posto o Ibuprofeno na mala. Era difícil não piscar.

— Temos muito orgulho do *Aurora* — continuou animada a atendente. — Meu nome é Camilla Lidman e sou encarregada da hospitalidade na embarcação. Minha sala fica no deque mais baixo, e se houver qualquer coisa que eu possa fazer para tornar sua estada conosco mais prazerosa, por favor não deixe de pedir. Meu colega, Josef — ela apontou para um homem louro e sorridente à sua direita —, mostrará onde é sua cabine e fará um tour pelo navio. O jantar é às oito, mas queremos convidá-la para juntar-se a nós às sete, no Lindgren Lounge, para uma apresentação dos serviços do navio e das maravilhas que pode esperar aproveitar neste cruzeiro. Ah! Sr. Lederer.

Um homem alto e moreno de quarenta e poucos anos subia a prancha atrás de nós, seguido de um carregador que se atrapalhava com uma mala enorme.

— Tenha cuidado, por favor — ele disse e fez uma careta sem disfarce quando o carregador bateu com o carrinho em uma das junções da prancha. — Essa mala tem um equipamento muito delicado.

— Sr. Lederer — disse Camilla Lidman, com o mesmo entusiasmo quase delirante que tinha usado ao me receber.

Eu tinha de reconhecer que estava impressionada com seu desempenho teatral, mas, no caso do sr. Lederer, provavelmente precisava se esforçar menos, já que ele era uma visão agradável.

— Bem-vindo a bordo do *Aurora*. Posso oferecer uma taça de champanhe? E a sra. Lederer?

— A sra. Lederer não vem — o sr. Lederer passou a mão no cabelo e olhou para o candelabro Swarovski com jeito de estar se divertindo.

— Ah, sinto muito. — Camilla Lidman franziu a testa. — Espero que esteja tudo bem.

— Ela está bem, sim — disse o sr. Lederer. — Na verdade, está trepando com meu melhor amigo.

Ele sorriu e pegou o champanhe.

Camilla foi pega de surpresa e disse em voz baixa:

— Josef, leve a srta. Blacklock para a cabine dela, por favor.

Josef inclinou a cabeça assentindo e me levou embora, ainda com a taça de champanhe na mão. Por cima do ombro, ouvi Camilla explicando para o sr. Lederer onde ficava sua sala no deque inferior.

— A sua é a cabine 9, a suíte Linnaeus — Josef disse para mim quando o seguia por um corredor bege sem janelas, com tapete felpudo e iluminação discreta. — Todas as cabines têm nomes de cientistas escandinavos notáveis.

— Quem fica com o Nobel? — brinqueei, nervosa.

O corredor estava me dando uma sensação estranha, sufocante, um peso claustrofóbico na nuca. Não era apenas o tamanho, eram as lâmpadas baixas e soporíferas e a falta de luz natural.

Josef respondeu, sério:

— Nessa viagem, a suíte Nobel será ocupada por Lorde e Lady Bullmer. Lorde Bullmer é diretor da Northern Lights Company, proprietária do navio. Há dez cabines ao todo — ele disse quando descemos mais um lance de escadas —, quatro na proa e seis na popa, todas no deque do meio. Cada cabine tem uma suíte com até três cômodos, banheiro próprio com banheira e chuveiro separado, cama de casal e varanda privativa. A suíte Nobel tem uma banheira de água quente privativa.

Varanda? A ideia de ter uma varanda num navio de cruzeiro parecia totalmente errada, mas, pensando melhor, achei que não era mais esquisito do que ter qualquer outra área aberta. Banheira quente? Bem, quanto menos falar sobre isso, melhor.

— Toda cabine tem um atendente para ajudar os passageiros, noite e dia. Os seus atendentes seremos eu e minha colega, Karla, que vai conhecer mais tarde esta noite. Será um prazer ajudá-la como pudermos na sua estada no *Aurora*.

— Então esse é o deque do meio, certo? — perguntei.

Josef fez que sim com a cabeça.

— Sim, esse deque só tem suítes de passageiros. No de cima ficam restaurante, spa, sala de estar, biblioteca, área de banho de sol e outras áreas públicas. Todas têm nomes de escritores escandinavos, a sala Lindgren, o restaurante Jansson e assim por diante.

— Jansson?

— Tove — ele completou.

— Ah, é claro. Moomins — eu disse, bobamente.

Meu Deus, como doía minha cabeça.

Tínhamos chegado a uma porta de madeira com almofadas e uma placa discreta onde estava escrito '9:Linnaeus'. Josef abriu a porta e recuou para eu poder entrar.

Aquele lugar era, sem exagero, umas sete ou oito vezes melhor do que o meu apartamento e nem tão menor assim. Portas de armários espelhadas se enfileiravam à minha direita e no centro, ladeadas por um sofá de um lado e uma cômoda do outro, havia uma enorme cama de casal, a extensão de lençóis brancos macia e estalando de limpa, muito convidativa.

Mas o que provocou mais impressão em mim não foi o espaço, que já era impressionante mesmo, mas a luz. Saindo do corredor estreito e artificialmente iluminado, a luz que entrava pelas portas da varanda era ofuscante. Cortinas brancas transparentes dançavam ao vento, e vi que a porta de correr estava aberta. Tive uma sensação imediata de alívio, como se tivessem tirado aquele aperto do meu peito.

— As portas podem ser fechadas — explicou Josef atrás de mim. — Mas o fecho abre automaticamente no caso de condições adversas do clima.

— Ah, que ótimo — eu disse vagamente, mas só pensava que queria muito que Josef fosse embora para eu poder despencar na cama e desmaiar no esquecimento.

Em vez disso, fiquei ali de pé, reprimindo sem jeito meus bocejos, enquanto Josef explicava as funções do banheiro (sim, eu já tinha usado um assim antes, obrigada), da geladeira e do minibar (tudo perfeito — infelizmente para o meu fígado), e também que o gelo seria trocado duas vezes ao dia e que eu podia ligar para Karla ou para ele a *qualquer* hora.

Finalmente meus bocejos não puderam mais ser ignorados e ele fez mais uma pequena mesura e pediu licença, deixando que eu tomasse posse da cabine.

Nem adianta fingir que não fiquei impressionada. Porque fiquei. Especialmente com a cama, que estava praticamente berrando para eu me jogar nela e dormir de trinta a quarenta horas. Olhei para o edredom alvíssimo e para as almofadas espalhadas, douradas e brancas, e o desejo me invadiu feito substância concreta em minhas veias, provocando arrepios desde a nuca até as pon-



tas dos dedos das mãos e dos pés. Eu *precisava* de sono. Estava começando a desejar o sono como um viciado deseja a droga, contando as horas até a próxima crise. Os trinta minutos desconfortáveis no táxi só tinham tornado aquilo ainda pior.

Mas não podia dormir agora. Se dormisse, não ia acordar, e não podia me dar ao luxo de perder aquela noite. Talvez pudesse me ausentar de algumas funções mais para o meio da semana, mas essa noite eu *tinha* obrigação de ir ao jantar e à apresentação. Era a primeira noite a bordo. Todo mundo fazendo contatos e se comunicando em rede furiosamente. Se perdesse isso, teria um enorme xis preto contra mim e jamais recuperaria esse tempo perdido.

Por isso engoli um bocejo, fui até a varanda, torcendo para o ar frio me ajudar a acordar daquele envolvente nevoeiro de exaustão que parecia me agarrar toda vez que eu parava de me mexer ou de falar.

A varanda era uma delícia, como daria para imaginar que seria uma sacada particular num navio de cruzeiro de luxo. A divisória era de vidro, de modo que, sentada dentro da suíte, dava quase para imaginar que não havia absolutamente nada entre você e o mar, e havia duas cadeiras de piscina e uma mesa minúscula, para poder sentar lá à noite e curtir o sol da meia-noite, ou a aurora boreal, dependendo do cruzeiro que a pessoa tivesse escolhido.

Passei muito tempo observando as pequenas embarcações entrando e saindo do porto de Hull, sentindo o vento salgado no cabelo, e então alguma coisa no embalo do navio mudou de repente. Por um minuto não entendi o que era, mas depois entendi. O motor, que estava ronronando discretamente naquela última meia hora, tinha acelerado um ponto e alguma coisa no barco havia mudado. Com um barulho estridente, começamos a girar milimetricamente, para longe do cais, indo para o mar aberto.

Fiquei ali vendo o navio sair do porto, passar entre as luzes verde e vermelha que marcavam o canal. Senti a mudança no movimento quando deixamos o abrigo da amurada do porto e entramos no Mar do Norte, o quebrar suave das ondas deu lugar às sucessivas e enormes vagas do oceano profundo.

Lentamente a costa foi diminuindo e os prédios de Hull se tornaram picos no horizonte, depois apenas uma linha escura que podia ser qualquer lugar. Quando vi tudo desaparecer, pensei em Judah e em tudo que eu tinha deixado

desfeito. Ao sentir meu celular pesando no bolso, peguei-o e torci para haver alguma mensagem dele antes de deixarmos a zona de alcance dos transmissores do Reino Unido. *Até logo. Boa sorte. Bon voyage.*

Mas não havia nada. O sinal perdeu uma linha, depois outra e o celular na minha mão ficou mudo. Quando a costa da Inglaterra desapareceu de vista, o único ruído era o das ondas quebrando no casco do navio.

De: Judah Lewis  
Para: Laura Blacklock  
Enviado: terça-feira, 22 de setembro  
Assunto: você está bem?

Oi, querida, não soube mais de você desde o seu e-mail de domingo. Não tenho certeza se nossas mensagens estão chegando. Recebeu a minha resposta, ou o texto que enviei para você ontem?

Estou ficando preocupado e espero que não pense que entrei numa de bancar o panaca e ficar lambendo minhas feridas. Nada disso. Eu te amo, sinto sua falta e estou pensando em você.

Não se preocupe com o que aconteceu em casa. E o dente vai bem, acho que vai criar raiz como o dentista disse. De qualquer modo, estou me auto-medicando com vodka.

Conte como vai indo o cruzeiro. Ou então, se estiver ocupada, mande apenas uma linha para dizer que você está bem.

Te amo, J.

De: Rowan Lonsdale  
Para: Laura Blacklock  
cc: Jennifer West  
Enviado: quarta-feira, 23 de setembro  
Assunto: atualização?

Lo, por favor responda ao meu e-mail enviado há dois dias, pedindo uma atualização sobre o cruzeiro. Jenn me disse que você não mandou nada e estamos esperando algum texto até amanhã – pelo menos uma nota de caixa de texto.

Por favor, informe o mais breve possível para Jenn em que pé você está com isso e mande sua resposta com cópia para mim.

Rowan